

Não sei qu' em vós mais vejo; não sei que mais ouço e sinto ao rir vosso e falar; não sei qu' entendo mais, té no calar, nem quando vos não vejo a alma que vê;

que lhe aparece em qual parte qu' estê, olhe o céu, olhe a terra, ou olhe o mar; e, triste aquele vosso suspirar, em que tanto mais vai, que direi qu' é?

Em verdade não sei; nem isto qu' anda entre nós: ou se é ar, como parece, se fogo doutra sorte e doutra lei,

em que ando, e de que vivo; nunca abranda; por ventura que à vista resplandece. Ora o que eu sei tão mal, como o direi?

Francisco de Sá de Miranda (1481/...), Soneto; em *Grandes Sonetos da Nossa Língua*, 1988, de José Lino Grünewald

– Sonhei? Oh, não! Pesadelei consigo por tanto tempo que nem sei dizer. Já desde o início, tempo em jeito antigo, de barbas brancas a permanecer...

Pesadelei contigo, qual castigo por algo horrível, a alma a confranger e tanto, que temores com abrigo no coração em pranto ante o sofrer...

Pesadelei contigo, em tempo doído, de noite negra, a lâmpada apagada... Como acendê-la, em mundo massacrante!?

– Qual foi o pesadelo, amor querido? – Que não me amavas mais!! Eu, tua amada, fiel, constante, ideal esposa-amante!

Leonilda Hiagenberg Justus, *Lâmpada Apagada*; de *O Caminho*, 1999
Rua XV de Novembro 551, 84010-020 – Ponta Grossa, PR

Eu não sou de ninguém; não me pertenco. Não sei de quem serci... antes soubesse! A vida não é bem o que parece. Viver é um mistério grave, imenso!

O que antes foi... Agora já nem penso. A gente vive o instante, que se esquece. As ilusões, o tempo desvanece como fumo a fugir, no ar suspenso.

Quem me dera saber por onde vou! Quem dera conhecer isto que eu sou! Ser dona do meu próprio pensamento...

Encontrar-te de novo junto a mim; prender-me em brancas nuvens de cetim e não ser inconstante como o vento!...

Emília Peñalba de Almeida Esteves, *Inconstância*; em *Poesia Clássica e Trova*, 1999; XI Concurso Nacional/Internacional. Centro Cultural Prof. Fariis Michael

Virtude é fazer o bem pelo prazer de fazê-lo, mesmo sendo para alguém que não faz por merecê-lo. Izo Goldman, em *Fanal* 02.00

Singram mar já navegado nove naus, três caravelas; deixam porto assegurado de um Brasil de coisas belas! Manoel Fernandes Menendez

De um cantinho da Bahia, chamado Porto Seguro, parte o Brasil – sob a guia de lemanjá – rumo ao futuro. Maria Madalena Ferreira, em *Revista Poebras – Salvador*, 01.99

Destino é força que esmaga... – Credor austero, tremendo, manda a conta e a gente paga sem saber que está devendo. Barreto Coutinho, em *Trovalegre* 02.00

Saudade – espelho encantado que mostra, aos olhos da gente, toda a imagem do passado revivendo no presente... P. de Petrus – 1999 BI UBT Magé 01.00

Na epopeia de Cabral eu bendigo a calmaria, que, do imenso Litoral, fê-lo aportar na Bahia. Newton Meyer Azevedo, em *Revista Poebras – Salvador*, 01.99

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔
O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai**, é sempre “**aqui e agora**” – **não conceitual**.
O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!

Assim, temos:

trevo **haikai** personagem ou trevo **haikai senryu (não filosófico)**,
trevo **haikai** subentendido (*aborda a natureza sem situar a estação*);
trevo **haikai sazonal, poesia pura** – (*o kigo, palavra da sazão, define-a*).

Simbolizamos o trevo haikai de sazão pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

Trevo senryu:

Quarenta e nove anos atrás de flores e lua caminhando à toa.
Kobayashi Issa, SF 08.99

Ondas de sombra molhando meu pensamento – e não o apagam.
Octávio Paz, *Sinos na Noite*; SF 01.99

Trevo haikai senryu
ou
trevo haikai personagem:

Velho lutador narra à mulher o combate que foi decisivo.
Yosa Buson

Juntos contemplamos o lago. A minha sombra treme dentro d'água.
Lyad de Almeida, SF 12.98

Trevo haikai subentendido
ou
trevo haikai sem sazão:

Cumbica. Aeroporto. Operam por instrumentos. Aviões nas rotas.
Fanny Luiza Dupré, SF 05.98

Ergo os olhos: nada. Há silêncio sobre o galho, o galho quebrado.
Octávio Paz, *Pleno*; SF 10.98

Trevo haikai sazonal:

Kigo Hortência (verão) e lua de outono.

Vestida de azul desaparece a menina... Um jardim de hortências.
Chicic Pontes, SF 12.96

Cheiro da cidade nas ruas, nas alamedas. A lua de outono.
Nosava Bonshô (= 1714), SF 01.97

Mata tropical, no azul, Cruzeiro do Sul... – Brasil de Cabral.

Flash

Se tens muito sofrimento é porque tens muita vida! Estrada de movimento tem sempre uma cruz erguida!
Albertina Moreira Pedro, de *Meu Livro de Trovas*, 1996

Não lamenta o desenlace, não se vive só uma vez, a gente, às vezes, renasce num sonho que se desfez...

Albertina Moreira Pedro, de *Meu Livro de Trovas*, 1996

Minha irmã conta as topadas, que já deu pelos caminhos, pelas pedras arrancadas... E eu conto, pelos sobrinhos!...

Aloisio Alves da Costa, em *Calendula Literária* 258

O sonho acabou-se. aguardo calmo a chegada da mulher com a foice.

Athayr Cagnin, em *Revista da Academia Caioense de Letras*, 12.99

Em busca das Índias, as caravelas partiram. Viram gentil terra.

Olga dos Santos Bussade

Los suspiros son aire y van al aire; las lágrimas son agua y van al mar; dime, mujer: cuando el amor se olvida, ¿sabes tú adónde va?

1. Imagina que tu podes estar errado.
2. Imagina que outras pessoas que pensam estar certas podem estar erradas.
3. Tenta entender a perspectiva dos outros.
4. Aprecia a flexibilidade da ordem vigente (social, política etc.). Poderia ser maior.
5. Inspira-te em outras eras e culturas.
6. Tenta recolher tuas experiências

Festa no Brasil! Quinhentos anos de luta, desde a “Descoberta”...

Amália Marie Gerda Bornheim

Na gaiola cheia (pedreiros e carpinteiros) o dia gorjeia.
Guilherme de *Andrade* e Almeida (1890/1969), *Os Andaimes*; de *Haicais Completos* (Seleção de Francisco Handa), 1996 *

Como uma torre helada yo me alzaba en la llanura.

Lejos, otro murallón de piedra respondía a mi soledad.

Una luna de musgo me destilaba gotas de líquen.

Y el hongo de la melancolia se enredaba (pintaba) a mis plantas.

Alfonsina Storni (1892/1938), *Como una Torre*; de *Poesias Completas*, Sela/Editorial Galerna, 1990

Índios assustados enquadados na moldura. A Primeira Missa.

Héron Patricio

Era um arco-íris? Era tu, mulher, com teu vestido estampado.
Lyad *Sebastião Guimarães* de Almeida, de *Haicais* (Antologia), 1992 **

Calor. Nos tapetes tranquilos da noite, os grilos fíncam alfinetes.
Guilherme de Almeida, *Quiriri* *

Cochilo. Na linha eu ponho a isca de um sonho. PESCO uma estrelinha.
Guilherme de Almeida, *Pescaria* *

Tarde fria. Triste. Chove. E as gotas da chuva perfuram minha alma.
Lyad de Almeida **

É noite de lua cheia. E o luar eu vejo brilhando em teus olhos.
Lyad de Almeida **

Em terreno limpo plantei sementes de amor. Surgiram as pragas...

Lyad de Almeida **

Neblina? Ou vidraça que o quente alento da gente, que olha a rua, embaça?
Guilherme de Almeida, *Frio* *

Você e eu, à frente, o mar, um grande amor, os nossos ais... A brisa mansa, doce luar e o céu repleto de estrelas... Para que mais?

Ternos abraços, beijos ardentes e as suas mãos a mim procuram... Protestos vãos, carícias tais e ao seu amor, me entrego... Para que mais?

Maria Antonieta Bittencourt Dutra, *Sua Entrega*, de *No Outono Nascer Flores*, 1996

Indiferente caminha a humanidade, entre olhares sem ternura e abraços sem afetos. O egoísmo habita os corações, a família caminha sem os elos do amor, a solidão impera e o homem é máquina sem emoções. As árvores, sem o canto dos pássaros, são sombras tristonhas ornamentando o deserto sonoro da cidade grande... Os ruídos do progresso encham o espaço, mas no coração do homem, há silêncio!... O tempo já não existe para o carinho e a compreensão: crianças abandonadas adormecem em berços de cimento e os olhos cansados da velhice vertem o pranto do abandono... Deus! Que fizemos do amor e da fraternidade?

Maria Antonieta Bittencourt Dutra, *No Deserto do Progresso*; de *Sob o Sol do Entardecer*, 1999

Período da Páscoa, quinhentos anos atrás. – Brasil de Cabral!

Hermílydes Siqueira Franco

Suave milagre... Na rota da calmaria... ...Brasil descoberto!
Maria Madalena Ferreira

Emoção explode ante o brado “Terra à vista!”: Brasil descoberto.

Renata Paccolla

Com três caravelas, foi descoberto o Brasil. – Um feliz acaso?
Cecy Tupinambá Ulhôa

São 500 anos Descoberto do Brasil índios esquecidos!
Edel Costa

Vinte e dois de abril de mil e quinhentos a brio: – A vista!... Brasil!
Marcelino Rodrigues de Pontes

Gustavo Adolfo Becquer (1836/1870)

Sinto os dias mais risonhos, pois te vi, como queria, Buenos Aires dos meus sonhos, dos tangos e da poesia.

Delcy Rodrigues Cannalles; de *Trovas* 2, 1998
Rua Duque de Caxias 707/203
90010-282 – Porto Alegre, RS

facilidade entre as gerações mais velhas, que costumam deplorar o rebaixamento dos padrões entre a juventude.

6. Não será “moderno”. Algumas novas modas são boas, mas a maioria encerra o perigo da preguiça intelectual. Desconfia especialmente de tendências ligadas a prefixos, como pós-modernismo e neoconservadorismo.

7. Não esquecerás o nome de teus alunos. Todos nós já fomos estudantes e sabemos o que é sentir-se perdido na multidão.

8. Não usarás mesóclise, voz passiva e orações subordinadas subjetivas, nem abusarás do verbo “ser”, de alterações (exceto em casos extremos), trocadilhos, expressões estrangeiras, substantivos terminados em “ção”; tampouco pensarás que o leitor é menos inteligente que tu.

9. Não invejarás teu colega, nem o talento de teu colega, sua fama, influência ou rendimento. É melhor escrever mais uma monografia.

10. Não cederás à tentação de escrever com frequência textos de opinião geral, como este.

Robert Darnton (tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves), em *Mais! Folha de São Paulo*, 26.12.99

- e dar-lhes forma significativa (uma análise, uma obra de arte, uma carta, um diário).
7. Sê honesto sem ser cruel.
 8. Aceita a trivialidade da vida moderna sem perder de vista o sublime e o eterno.
 9. Reconcilia-te com a tua mortalidade desde cedo.
 10. Não temas dizer “não” a pessoas que te irritam, entediam ou exploram.

Alain de Botton (tradução Paulo Migliacci), em *Mais! Folha de São Paulo*, 26.12.99

KIDAIAS DE OUTONO



Table with 3 columns of haikai poems. Each row contains a poet's name and their haikai text. Poets include Alba Christina, Helvécio Durso, Nilton Manoel Teixeira, etc.



ENVIAR ATÉ TRÊS HAICAIS

Prazo 30.04.00: Dia dos Animais, Periquito, Poncã.

Prazo 30.05.00: Kigos à escolha: Dia da Saúde, Romã, Sardinha.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizados), sentimos o satori ou "consciência de si", com a mente vazia, isto é, sem preconceitos...

- 1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo, podendo pois, repetir-los; cada conjunto em uma única 1/2 folha de papel carta ou ofício, com nome, endereço e assinatura.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil)...

IPÊS EM FOLHA

Table with 3 columns of haikai poems. Each row contains a poet's name and their haikai text. Poets include Crianças alegres, Olga dos Santos Bussade, etc.

O D E S C O B R I M E N T O D O B R A S I L

De Brasil 500 Anos - Editora Abril, 1999

O fracasso diplomático de Vasco da Gama em Calicute (Kozhicode, Índia), onde aportara em 20.05.1498, foi inversamente proporcional aos lucros que sua expedição apresentou em Lisboa na sua volta, em 1499, com porcelanas, sedas e tapetes. Para que esses lucros se mantivessem era fundamental que os portugueses garantissem a supremacia nas rotas orientais da África. D. Manuel I, o Venturoso, que assumiu o trono de Portugal (1495/1520) com a morte de D. João II em 25.10.1495, cumpriu a vontade de seu antecessor, contrariando boa parte dos integrantes do Conselho da Coroa: determinou que se formasse a maior e mais bem equipada frota que já partiria dos portos ibéricos. O escolhido para comandá-la foi o almirante Pedro Álvares Cabral (1467/1520), soldado e diplomata. Cabral era o segundo filho dos senhores de Castelo e das terras de vila Belmonte, na Beira Baixa, títulos e terras conquistados pela família durante as guerras contra os mouros. Sua família participou da revolta que levou o mestre de Avis, D. João I, ao trono de Portugal (06.04.1385), rompendo a linha de sucessão da dinastia de Borgonha que começara a ser traçada no século XI, durante as primeiras batalhas dos reinos cristãos pela Reconquista da península Ibérica, chamada então de Espanha, ou melhor, Hispânia, que em latim significa as terras a oeste. Com isso, aos onze anos, Cabral mudou-se para a corte. Estudou literatura, história, ciências, cosmografia e artes militares. Cinco anos depois, aos dezesseis anos portanto, foi nomeado fidalgo da corte de D. João II. Entrou para o Conselho do Rei no reinado de D. Manuel I e foi admitido na Ordem de Cristo (do infante D. Henrique). Estava com 33 anos quando foi escolhido para comandar a missão em Calicute. Sua frota era composta de dez naus e três caravelas, chefiadas pelos navegadores Bartolomeu Dias, Nicolau Coelho e Duarte Pacheco Pereira, apontado como um dos melhores cartógrafos e pilotos da época, autor da obra Esmeral-

do de Situ Orbis, e pelo fidalgo Sancho de Tovar. A expedição contava com cerca de 1500 homens, entre cosmógrafos, frades franciscanos, escrivães e outros funcionários. Eles tinham como missão fundar feitorias nas Índias e criar bases comerciais permanentes na Ásia. Esse número era bastante significativo, já que Lisboa, na época, contava cerca de 50 mil habitantes. Eles deixaram o porto de Restelo em 9 de março de 1500. No dia 22 do mesmo mês, Cabral atingiu o arquipélago de Cabo Verde. No dia seguinte, a nau de Vasco de Ataíde desapareceu, e nunca mais foi encontrada. Foram, então, doze embarcações que se afastaram da costa africana, sempre rumando a sudeste. Num documento escrito por Duarte Pacheco Pereira existe um indicador de que o rumo era propositado, a mando do rei D. Manuel I, que queria certificar-se da existência de terras além-Atlântico dentro das 370 léguas a partir de Cabo Verde, das quais tomaria posse, conforme determinava o Tratado de Tordesilhas, bula esta assinada em 07.06.1494 pelos reis D. João II e Fernando, substituindo a bula Intercoetera de 1493. Firmes nessa direção, no dia 21 de abril de 1500 os navegantes de Cabral avistaram os primeiros sinais de terra: ervas na superfície das águas. Aquela noite foi uma das poucas passadas com tranquilidade desde que deixaram a costa africana. O almirante Pedro Álvares Cabral sentiu que poderia cumprir seu juramento à tripulação, de que alcançariam terra firme muito antes dos 71 dias gastos por Cristóvão Colombo. No dia 22 viu-se, pela manhã, uma roçada de pássaros e, à tarde, o primeiro grande monte, que Cabral chamou de Pascoal por estarem na semana seguinte à Páscoa. O enxergar terra firme, Cabral afirmou que aquela era a Vera Cruz, ou seja, a verdadeira cruz do juramento que fez aos homens que o seguiram, onde todos ficariam por dez dias, antes que prosseguissem a viagem para as Índias. Existem pelo menos três relatos sobre o descobrimento e os primeiros dez dias em que os portugueses ficaram na ilha de Vera Cruz: a carta

mestre João, a Relação do Piloto Anônimo e a carta de Pêro Vaz de Caminha. Nenhum deles registra alguma reação de espanto ou entusiasmo. Não é possível saber também, pelos relatos, mais detalhes sobre o que aconteceu durante esses dias. Além de fornecer argumentos aos adeptos da intencionalidade, esses depoimentos permitem reconstituir alguns passos dos portugueses em seus primeiros dias após avistar terra firme. Ainda na tarde de 22 de abril a esquadra ancorou a 6 léguas da costa. No dia 23 avançaram para meia légua, na foz de um rio que Nicolau Coelho recebeu a missão de explorar. Perto da praia, Coelho avistou os primeiros nativos e deu-lhes ordens, por meio de sinais, para que depusessem as armas. Apesar da obediência dos índios, como Colombo já havia batizado equivocadamente os nativos da América, o desembarque foi impossível devido à violência da arrebentação das águas na praia. Ainda assim, de acordo com os relatos, Coelho arremessou-lhes um barrete vermelho, uma carapuça de linho e um sombreiro preto, recebendo em troca um cocar e um ramal grande de continhas brancas e miúdas. Só no dia 24 a esquadra, seguindo ao norte, conseguiu lançar ferros numa enseada, chamada de Porto Seguro (mais tarde rebatizada de baía Cabralia). Naquela noite, dois jovens tupiniquins, apanhados com uma pequena embarcação, foram levados à presença de Pedro Álvares Cabral. Nem os intérpretes das línguas asiáticas nem os das línguas africanas, que estavam a bordo, entenderam o que eles falavam. Os dois dormiram na embarcação de Cabral. Na manhã seguinte, quando desceram à praia, levavam camisas, carapuças vermelhas, rosários, campainhas. Por sua vez, os que ficaram em terra estavam ajudando os marujos a abastecer as naus com água potável. Só nesse dia, 25 de abril, Cabral e seus capitães desembarcaram no Recife batizado de Coroa Vermelha. Nesse Recife, no dia seguinte, um domingo, o franciscano Henrique Soares de Coimbra rezou a primeira missa no Brasil. Foi à

tarde, depois de uma reunião na qual se decidiu levar a Portugal as notícias do descobrimento, que Cabral desembarcou no continente, sem idéia da dimensão das terras em que estava pisando pela primeira vez. O encarregado da missão foi Gaspar Lemos, que retornaria com o barco de mantimentos, idéia que deixou a tripulação um pouco contrariada. No dia seguinte, acompanhados por alguns nativos, os portugueses viram uma aldeia tupiniquim. Até 1o de maio os dias foram reservados para o corte de lenha, com a ajuda dos nativos, para a redistribuição da carga e para a confecção de uma grande cruz de madeira. Nesse dia o frei Henrique Soares de Coimbra (futuro bispo de Ceuta, na África) rezou a segunda missa no Brasil, sob a cruz erguida, com as armas e a divisa da casa real portuguesa, determinando a tomada de posse dos novos territórios. No dia 2 de maio, enquanto Gaspar Lemos voltava a Portugal levando consigo a carta de Pêro Vaz de Caminha, Cabral e o restante de sua frota partiram rumo às Índias com o firme propósito de cumprir a missão que lhes fora destinada por D. Manuel I. Ficaram em terra dois degredados, ou seja, dois homens punidos com a expatriação. Durante bom tempo a costa brasileira serviu, exclusivamente, como uma excelente aguada para os navios portugueses que rumavam para a Ásia. Novamente em alto-mar, a frota de Cabral sofreu os mesmos obstáculos enfrentados por Vasco da Gama em sua última viagem. Primeiro, uma tempestade próximo ao cabo da Boa Esperança, onde naufragaram quatro embarcações. Uma delas era o do navegante Bartolomeu Dias, exatamente quem conquistara a região dois anos antes. Em seguida, enfrentaram a hostilidade dos comerciantes árabes ao longo da costa africana. Por fim, as negociações em Calicute foram substituídas pelo soar dos canhões. Em Calicute, os cinquenta portugueses da feitoria fundada haviam sido trucidados. Em represália, Cabral capturou dez embarcações árabes, matou quinhentos de seus tripulantes e bombardeou a cidade.